

EM BUSCA DA "FREIRA DO SANTO CRISTO": OS BASTIDORES DA PRIMEIRA BIOGRAFIA DE MADRE TERESA DA ANUNCIADA, OSC (1658-1738)

HÉLIO NUNO SOARES
 CEHR-UCP/CHAM-CENTRO DE HUMANIDADES

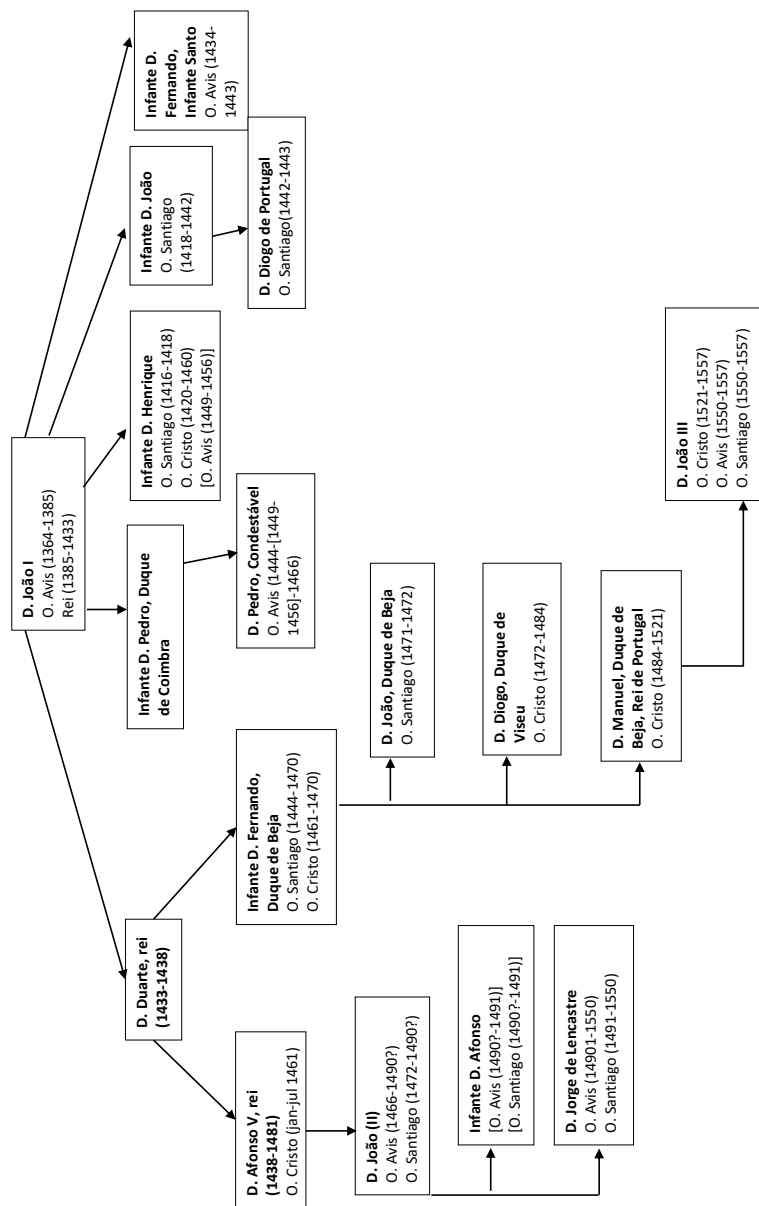
hsoares@ucp.pt

MARIA LUÍSA JACQUINETI
 UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

mariajacquinet@gmail.com

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi29a6>

Fig. 1 – Os governadores das Ordens Militares portuguesas nos séculos XV e XVI



RESUMO: À primeira biografia de Teresa da Anunciada (1658-1738), afamada clarissa do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada, é reconhecido um papel de fonte maior na cristalização da opinião de virtude da biografada e na promoção do culto ao Santo Cristo, de que ela foi a mais impressionante impulsora. Apellido sintomaticamente de “Livro do Senhor Santo Cristo”, este exemplar da biografia devota assinado pelo oratoriano José Clemente e dado ao prelo em 1763 pode entender-se como parte do processo de autorização canónica da santidade da religiosa, embora deva, ele próprio, ser visto como resultado de um processo construtivo de que participam intenções, vontades, mentores e atores vários. É este processo que, com base essencialmente em fontes inéditas, nomeadamente a correspondência epistolar trocada entre a 4.ª condessa da Ribeira Grande e algumas religiosas do Mosteiro da Esperança, o presente estudo entende examinar, e que visa, em último termo, abonar a análise da figura da ilustre madre e das expressões de piedade que lhe andam desde sempre associadas.

PALAVRAS-CHAVE: Teresa da Anunciada, O.S.C. (1658-1738); biografia devota; José Clemente, C.O. (1720-1789); D. Margarida Francisca Lorena e Távora, 4.ª condessa da Ribeira Grande (1707-1785); Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada (São Miguel, Açores); Senhor Santo Cristo

ABSTRACT: The first biography of Teresa of Annunciation (1658-1738), a famous Poor Clare of the Monastery of Nossa Senhora da Esperança in Ponta Delgada, is recognised as a major source in the crystallisation of the opinion of virtue of the biographee and in the promotion of the cult of the Holy Christ,

¹ Investigadora do CIDEHUS, do CHAM-Centro de Humanidades e do CITCEM/FLUP.

of which she was the most impressive promoter. Symptomatically nicknamed the "Book of the Holy Christ", this copy of the devotional biography, signed by the oratorian José Clemente and published in 1763, may be understood as part of the process of canonical authorisation of the nun's holiness, although it should itself be seen as the result of a constructive process in which various intentions, wills, mentors and actors took part. It is this process which, based essentially on unpublished sources, namely the epistolary correspondence exchanged between the 4th Countess of Ribeira Grande and some nuns from the Monastery of Esperança, the present study intends to examine, and which lastly aims to contribute to the analysis of the figure of the illustrious mother and the expressions of piety that have always been associated with her.

KEYWORDS: Teresa da Anunciação, O.S.C. (1658-1738); devotional biography; José Clemente, C.O. (1720-1789); Margarida Francisca Lorena e Távora, 4th Countess of Ribeira Grande (1707-1785); Monastery of Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada (São Miguel, Azores); Holy Christ

1. Introdução

Em 1763, saía dos prelos da Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, sob a pena do oratoriano José Clemente, a "Vida da Veneravel Madre Theresa da Anunciada, escrita e dedicada ao Santo Christo, com a Invocação do Ecce Homo". Primeira biografia publicada da veneranda religiosa, timbrou indelevelmente a imagem desta e as expressões de piedade em torno do Santo Cristo, de que ela foi privilegiada mentora.

Não surpreende que sobre Teresa da Anunciada, no século Teresa de Jesus, se pretendesse escrever. Nascida em 1658, na localidade da Ribeira Seca, Vila da Ribeira Grande, na ilha açoriana de São Miguel, professa em 1683 no Mosteiro de clarissas de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada, aí se notabilizou pela exemplaridade das virtudes evangélicas com que pautou a existência e, principalmente, pela devoção de índole desagratória a Cristo representado numa antiga imagem do Ecce Homo, e comumente conhecida como o Santo Cristo dos Milagres². A fama dos prodígios obrados por intercessão do Santo Cristo e do poder intercessor de Teresa junto da imagem logrou granjear opinião pública de virtudes à religiosa e converter num culto de dimensões ímpares aquela que, até então, não mais era senão uma devoção circunscrita à clausura monacal³. Quando faleceu, aos 16 de maio de 1738, sendo já pública a sua

² Cf. JACQUINET, Maria Luísa - *Ecos da clausura no culto do Senhor Santo Cristo*, «Açoriano Oriental». São Miguel, Ano CLXXV, n.º 20810, 16 de maio de 2020, p. 6.

³ *Ibidem*.

opinião de santidade, de pronto se deu início à causa da beatificação⁴.

A biografia do José Clemente, apesar de pioneira enquanto obra editada, não corresponde ao primeiro relato da vida da Madre Teresa. Conhecem-se hoje os escritos autobiográficos que o seu confessor por mandato a fizera redigir⁵. E outrossim se conhece a cópia que duas das suas irmãs de hábito elaboraram a partir desse mesmo pecúlio autográfico. Foi, aliás, esse exemplar que serviu de fonte direta ao escrito do padre oratoriano, e, recentemente, de base à obra do Padre Agostinho Pinto, "Madre Teresa da Anunciada - Autobiografia e perfil espiritual", editada em 2012, e que em parte o reproduz.

É possível que a redação da autobiografia tenha tido no horizonte uma projetada consagração da santidade da biografada, manifesta na efetiva abertura de um processo de inquirição de vida e virtudes orientada a tal fim. Da "freira do Santo Cristo", como ficou conhecida, correm atualmente as diligências para lançar o processo de beatificação e a perfeição da sua vida cristã e a excecionalidade da sua intercessão junto da imagem milagrosa do Santo Cristo continuam a alimentar uma devoção que é timbre identitário do arquipélago dos Açores, e muito especialmente da ilha de São Miguel⁶.

A persistência deste quadro devoto tem, por sua vez, suscitado o interesse dos estudiosos e a investigação sobre o tema. Todavia, só 180 anos após a edição da obra de José Clemente é que foi dado à estampa um novo contributo de carácter biográfico: "Madre Teresa d'Anunciada. A Freira do Senhor Santo Cristo dos Milagres, cuja Imagem Se Venera no Convento de Nossa Senhora da Esperança, de Ponta Delgada", assinada por Urbano de Mendonça Dias e datada de 1947⁷.

Nas últimas décadas, tem acrescido à fortuna crítica sobre a venerável madre uma série de estudos de autoria já não exclusivamente eclesiástica e de natureza essencialmente académica, que tem privilegiado a contextualização histórica e dado especial relevo ao quadro sócio-religioso e a paradigmas de espiritualidade. Integram este *corpus* trabalhos assinados por Margarida Lalande, Fernanda Enes, Paula Almeida Mendes, Maria Luísa Jacquinet e outros cuja menção exaustiva foi já apresentada pela primeira autora mencionada, e para a qual

⁴ Cf. LALANDA, Margarida Sá Nogueira - *Considerações históricas sobre a Madre Teresa da Anunciada*, «Arquipélago. História», 2ª série, vols. IX-X. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005-2006, pp. 275-307 (pp. 284-285).

⁵ Este conjunto de manuscritos autobiográficos conserva-se no Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres (ASSSCM), em Ponta Delgada, S. Miguel, sob o título "Vida da Serva de Deus Teresa da Anunciada, religiosa professa em o convento da Esperança da cidade de Ponta Delgada, da Ilha de São Miguel, cuja vida mandou escrever o seu confessor, tirada fielmente de uns papéis que a dita Serva de Deus tinha escrito, por mandado de Deus e de seus confesores, como ao diante se verá".

⁶ Cf. JACQUINET, Maria Luísa - *op. cit.*, p. 6.

⁷ *Vd.* DIAS, Urbano de Mendonça - *Madre Teresa d'Anunciada. A Freira do Senhor Santo Cristo dos Milagres, cuja Imagem Se Venera no Convento de Nossa Senhora da Esperança, de Ponta Delgada*. Vila Franca do Campo, 1947.

remetemos⁸. Salientem-se, ainda, e na linha das anteriores biografias, a obra de D. Aurélio Granada Escudeiro e a já mencionada do Padre Agostinho Pinto⁹. Relativos respetivamente aos escritos autobiográficos e ao processo de beatificação da madre considerem-se, por fim, os trabalhos de Hermano Teodoro e do Pe. Francisco José de Sousa¹⁰.

Voltando a interpelar a biografia de José Clemente, referência incontornável do conjunto bibliográfico a que aludimos, difícil seria não a tipificar como exemplar da biografia devota, género literário que, definido na intersecção entre a hagiografia e a biografia¹¹, se propõe enaltecer as virtudes religiosas, espirituais e morais enquanto sinais da santidade do biografado¹². De tradição tardo-medieval, mantém-se ao longo do tempo, firmando, no pós-Trento, uma particular ligação ao mundo da clausura, atenta a propagação de um modelo de santidade claustral, que insiste na interioridade da experiência religiosa, na renúncia aos valores do mundo e no mimetismo de Cristo no Seu sofrimento redentor. É precisamente entre finais do séc. XVI e o séc. XVIII, que, acompanhando esta corrente espiritual, a biografia devota conhece o seu máximo florescimento.

Enquanto biografia religiosa e relativa a uma religiosa, a “Vida da Venerável Madre Theresa da Anunciada” respondeu a propósitos vários e de natureza diversa: o de credibilizar a fama de santidade da biografada, para cujo processo de beatificação haviam sido dados os primeiros passos logo após a sua morte; o de credenciar a reputação da casa monástica a que as virtudes da madre se associavam; o de prestigiar os mentores da biografia; o de concitar a devoção ao Santo Cristo e à sua principal impulsionadora; o de edificar a comunidade

⁸ Cfr. LALANDA, Margarida Sá Nogueira - *Madre Teresa da Anunciada, a impulsionadora do culto ao Senhor Santo Cristo*, In LALANDA, Margarida; SOARES, Hélio (coord.), «O culto ao Senhor Santo Cristo e aos Espírito Santo nos Açores. Nos 60 anos do Santuário do Senhor Santo Cristo». Ponta Delgada: Pedras Lavadas, 2022, pp. 63-92. Aos trabalhos mencionados no artigo referenciado acrescentamos os seguintes: JACQUINET, Maria Luísa - *Ecos da clausura no culto do Senhor Santo Cristo*, «Açoriano Oriental», São Miguel, Ano CLXXV, n.º 20810, 16 de maio de 2020, p. 6 e ENES, Maria Fernanda - *A invocação e o culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada – São Miguel*, «Cultura», Vol. 27, 2010, pp. 211–226.

⁹ Referimo-nos respetivamente a: ESCUDEIRO, Aurélio Granada - *Vida e Virtudes da Madre Teresa d'Anunciada, a Freira do Senhor Santo Cristo*. Ponta Delgada, 1987 e PINTO, Pe. Agostinho - *Madre Teresa da Anunciada - Autobiografia e perfil espiritual*. Ponta Delgada: Associação ECCE [Eis] para a Interioridade e a Solidariedade, 2012.

¹⁰ Vd. respetivamente TEODORO, Hermano - *Uma “pequena história sagrada”: a temporalidade nos escritos autobiográficos de Madre Teresa da Anunciada* («Sobre o Tempo. Actas do III Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM» [Associação Hispânica de Literatura Medieval], coord. de Paulo Meneses. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2001, pp. 329-341, e FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA - *“Misericordias Domini in aeternum cantabo”. Parecer teológico e análise de dois processos informativos sobre a vida, virtudes e “odor” de santidade da Serva de Deus Madre Teresa da Anunciada*. Ponta Delgada, 2003 [inédito].

¹¹ Cfr. MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “vidas” de santos e de “vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 55.

¹² FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Entre a família e a religião: a “Vida” de João Cardim (1585-1615)*, «Separata da revista *Lusitania Sacra*», 2.ª série, tomo V, pp. 93-120.

monástica e os crentes através da exemplaridade da vida da monja; o de convocar patrocínios a fim de favorecer a sustentação material do cenóbio, e, por último, o de contribuir para a coesão interna da casa e da identidade da Ordem a que pertence¹³.

Suporte de causas várias, em sentido próprio e figurado, a biografia de José Clemente deve ler-se, portanto, como resultado literário de um processo de construção multimodal, para o qual contribuiu um concerto de circunstâncias e subjetividades.

Evidentemente, a vida de Teresa da Anunciada que pela pena de José Clemente se divulga é fruto de uma seleção de fontes, de uma interpretação de factos e de uma sua valoração subjetiva. Mas, a montante, é também resultado, conquanto menos evidente, de várias vontades e, inclusive, de várias mãos, o que complexifica cumulativamente a sua pretensão de objetividade. É neste plano de análise que cabe considerar uma fonte documental até agora praticamente inédita: a correspondência epistolar trocada entre a 4.ª condessa da Ribeira Grande e duas das zeladoras da imagem do Santo Cristo no contexto da elaboração da biografia. De facto, ela vem trazer uma nova luz sobre alguns aspetos da construção da obra, como a autoria, a encomenda e a difusão, logrando, desta forma, olhar mais de perto o “Livro do Santo Cristo”.

2. Mentores e motivações

A data de 1763, em que se edita a biografia de Teresa da Anunciada, não assinala o início da devoção Santo Cristo ou o crédito nos prodígios e virtudes da madre, embora, como se aventou já, possa ser significativa da sua cristalização ou das nuances de que se revestiu.

Dos muitos devotos que o tempo conheceu, destacam-se, pelo relevo social e pela ação na valorização do culto, os condes da Ribeira Grande, que, entre finais do Seiscentos e inícios da centúria seguinte, mantiveram estreito contacto com a beata micalense. Os Gonçalves da Câmara, descendentes de João Gonçalves Zarco, um dos primeiros povoadores da ilha da Madeira, ocuparam hereditariamente, entre o séc. XV e a extinção do regime das donatarias, no séc. XVIII, o cargo de capitães do donatário da ilha de São Miguel. A família seria agraciada, em 1583, com o título de Condes da Vila Franca e, em 1662, com o de Condes da Ribeira Grande¹⁴.

¹³ Cfr. SAMMARTÍN BASTIDA, Rebeca - *Lecturas y mecenazgo espiritual de la nobleza: el caso del II duque de Alba*, In BARANDA LETURIO, Nieves; MARÍN PINA, M.ª Carmen (eds.), «Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en la España moderna». Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2014, p. 109.

¹⁴ O título de Condes de Vila Franca foi concedido por Filipe I (de Portugal), por Carta de Mercê de 17 de junho

A devoção da família Câmara teve início com o contacto mantido entre finais do séc. XVII e início do seguinte com a Madre Teresa, como o atestam a “Autobiografia” e a biografia de José Clemente. De acordo com a “Autobiografia”, foi a imagem que, por intermédio de Teresa, escolheu o conde para realizar a sua vontade. Corria o ano de 1699. A imagem terá comunicado a Teresa ter escolhido o conde para “muitas obras” do Seu “agrado”¹⁵ e para “tudo o mais que” fosse “dispondo”¹⁶. A Sua locução, reiterada e assertiva, não se afaz a ambiguidades: “Filha”, repetir-lhe-á a representação do Ecce Homo, “já te tenho dito que o Conde é meu escolhido, Eu to dei para que execute tudo o que Eu te mandar”¹⁷.

São muitos, efetivamente, os pedidos a que o conde, através de Teresa - intérprete e mediadora da vontade dos fiéis junto do Santo Cristo e da vontade do Santo Cristo junto dos fiéis – pressurosamente acorre. Para a beneficiação do culto, D. José Rodrigo da Câmara (1665-1724) e a princesa Constança Emília de Rohan (1667-1709), sua mulher, proveem à oferta de uma alcatifa destinada à capela do Santo Cristo, financiam obras na primeira capela, custeiam, depois, a construção da segunda¹⁸, assumindo-se como intendentess e tesoureiros, e apadrinham, finalmente, a primeira celebração e procissão pública em honra daquela invocação¹⁹.

Atento um tal respaldo familiar, não surpreende que uma das grandes patrocinadoras da biografia tenha sido D. Margarida Francisca Lorena e Távora, 4.^a Condessa da Ribeira Grande, a quem terá cabido a escolha do biógrafo, o financiamento de algumas dezenas de exemplares da obra – orçadas em *pouco mais ou menos cem moedas de ouro*²⁰ -, e, no geral, todo o acompanhamento da redação e impressão do livro.

D. Margarida Francisca Lorena e Távora nascera em Lisboa, a 11 março 1707, e aí faleceu a 14 julho de 1785. Filha de Bernardo António Filipe Neri de Távora, 2.^o conde de Alvor, e de Joana de Lorena, casou, a 20 de julho de 1728, com José da Câmara (1712- 1757), 4.^o Conde da Ribeira Grande, tendo como única descendente a sua filha Joana Tomásia da Câmara. Entre 1742 e 1752, terá permanecido nos Açores, na ilha de S. Miguel, seguindo o marido, a quem

de 1583. Já o título de Condes da Ribeira Grande foi criado por D. Afonso VI por Carta de 15 de setembro de 1662.

¹⁵ Cfr. PINTO, Padre Agostinho - *Madre Teresa da Anunciada - Autobiografia e perfil espiritual*. Ponta Delgada, 2012, p. 91.

¹⁶ *Ibidem*, p. 94.

¹⁷ *Ibidem*, p. 98.

¹⁸ A execução da segunda capela deve-se à insatisfação de Teresa da Anunciada perante as obras da primeira.

¹⁹ Cfr. PINTO, Padre Agostinho - *op. cit.*, p. 101.

²⁰ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.^a da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 3 de janeiro de 1763.

D. João V ordenara a presença naquela ilha a fim de assumir o governo direto da capitania. É esse o período, portanto, em que, assumindo a herança dos seus ascendentes, a família estreita laços com o Mosteiro da Esperança, muito particularmente com as zeladoras da imagem e capela do Santo Cristo.

A piedade da condessa fica patente nas cartas dirigidas às zeladoras e no testamento que fará redigir. Nas suas derradeiras disposições, lega a seu neto, D. Luís António José Maria da Câmara, 6.^o conde da Ribeira Grande, uma relíquia da imagem do Ecce Homo, enquanto à irmã deste, D. Leonor Maria da Câmara, condessa de Aveiras, testa uma lâmina com idêntico motivo iconográfico, “porque sei a hade ter com toda a veneração”²¹.

No patrocínio da biografia da “freira do Santo Cristo”, D. Margarida de Távora não agiu, porém, sozinha, mas em conjugação de vontades e motivações representadas ou protagonizadas por outrem. Referimo-nos, desde logo, à Madre Teresa de Jesus Maria e à Madre Quitéria Francisca de Santa Rosa, ambas religiosas do Mosteiro da Esperança. Algumas breves notas biográficas são suficientes para compreender o envolvimento de ambas na promoção da obra a que o Padre José Clemente consignaria a autoria.

Madre Teresa de Jesus Maria era sobrinha, por linha materna, de Teresa da Anunciada, a quem sucedeu na função de zeladora da capela e busto do Santo Cristo, que exerceu entre 1738 e 1759, e no patrocínio da respetiva devoção. Esclarece o seu termo de óbito que se ocupou “do trato da Capela da Miraculosa Imagem do S.^{or} Santo Cristo Ecce Homo”, administrando as esmolas dos fiéis e aplicando-as na encomenda dos dons colocados na imagem, como a de uma cana de ouro e a de uma relíquia do santo lenho ornamentada com pedras preciosas²². Viria a falecer a 19 de dezembro de 1759, aos 79 anos de idade²³.

Já a Madre Quitéria Francisca de Santa Rosa era sobrinha-neta, também por via matrilinear, de Teresa da Anunciada²⁴. Sucedeu a Teresa de Jesus Maria, sua tia, na função de zeladora da imagem e capela do Santo Cristo, que desempenhou entre 1759 e 1813. Viria a falecer a 23 de abril de 1813, contando 95 anos. Durante o seu longo mandato de zeladora, promoveu o engrandecimento artístico da imagem, com a encomenda do esplendor e do relicário que atualmente lhe pertencem. Igualmente à iniciativa de Quitéria de

²¹ Cfr. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e - *A particular devoção: imaginária, pintura e outros objectos religiosos nos testamentos da aristocracia titular de Lisboa (finais do séc. XVII a finais do séc. XVIII)*, «Laboratório de Arte», n.º 33, 2021, pp. 161-174 (p. 168-169). O testamento da Condessa da Ribeira Grande está patente em ANTT, *Registo Geral de Testamentos*, L.º 321, fl. 214v, e também em ANTT, Casa de Aveiras e Vagos, CAV, cx. 84, mc. 5, n.º 16.

²² ASSSCM, Arquivo do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança (AMNSE) - *Livro Quinto dos Óbitos (1703-1923)*, fl. 34.

²³ Cfr. MOREIRA, Hugo - *O Convento de Nossa Senhora da Esperança. Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Coletânea de Artigos*. Ponta Delgada: Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, 2000, pp. 2-3.

²⁴ *Ibidem*, pp. 3-4.

Santa Rosa se devem a edificação da atual capela e o respetivo revestimento azulejar²⁵.

O projeto de edição da obra terá resultado de um acerto de interesses e vontades protagonizados inicialmente pela Madre Teresa de Jesus Maria, de quem terá partido a decisão de divulgar a vida de Teresa da Anunciada, e pela condessa da Ribeira Grande, que se associou ao desígnio, patrocinando-o. À Madre Quitéria, coube, enquanto sucessora da tia, Teresa de Jesus, no cargo de zeladora, dar ulterior continuidade à causa por esta iniciada. Diferentes motivações se cruzam na encomenda, testemunhando a estreita interdependência, comum à época, entre a aristocracia e o mundo monástico feminino, vertida em lógicas de interesse e de poder²⁶. Em relação a Soror Teresa de Jesus, que, qual sujeito coletivo, representa toda a comunidade do Mosteiro da Esperança, a encomenda visou a exaltação de uma das religiosas da casa, a credibilização e difusão de uma devoção comunitária e o prestígio do mosteiro em relação aos demais micaelenses e aos do restante arquipélago, enquanto base também da sua sustentação material. Por seu turno, à Condessa da Ribeira Grande terá movido a devoção, a estima pessoal às monjas e, sem dúvida também, o desejo de reconhecimento social e os benefícios espirituais que o mosteiro lhe poderia garantir.

3. Nos bastidores da redação

Não se conhece com exatidão a data em que o projeto de edição teve materialmente início, mas sabe-se ter-se tratado de um processo complexo e moroso, desenrolado em não menos de onze anos. A primeira referência textual à edição consta de uma carta, datada de 1752, dirigida pela condessa da Ribeira Grande a Soror Teresa de Jesus Maria, e onde se lê: “Mande-me dizer quando virá o livro para se imprimir”²⁷. A condessa encontrar-se-ia, nesse momento, no continente, dando continuidade a uma ideia cuja génese se reporta aos anos que passara em Ponta Delgada e à ambiência devota aí criada em torno do Santo Cristo, e que envolveu diretamente a Madre Teresa de Jesus e, mais tarde, a sobrinha desta, Quitéria de Santa Rosa.

Em 1753, D. Margarida de Lorena desabafa com Soror Teresa de Jesus Maria: “Eu não sei quando o livro há-de ter fim”²⁸. O lamento repete-se em 1756,

²⁵ ASSSCM, AMNSE - *Livro Quinto dos Óbitos (1703-1923)*, fl. 78. Os azulejos provêm da Real Fábrica de Louça ao Rato.

²⁶ Cfr. SAMMARTÍN BASTIDA, Rebeca - *op. cit.*, p. 109.

²⁷ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Teresa de Jesus Maria (1752 attr.)*.

²⁸ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Teresa de Jesus*

quando escreve “como nem vem nem virá o livro nunca”²⁹. Só em agosto de 1759 parece ter termo a delonga que tanto a inquieta, data em que, finalmente, acusa a receção da “Vida da Venerável Madre”. São várias as dúvidas suscitadas por este panorama: a que se teria devido tanta demora? E a que “Vida” estaria a condessa a referir-se? A apontamentos ou informações manuscritas que iriam servir de base à redação do livro, atendendo, como a seguir se verá, a que o redator definitivo não estava escolhido?

A falta de linearidade no que toca ao prazo de redação é a mesma que pauta a eleição do redator. Inicialmente, terá a mesma recaído, como sustenta Hugo Moreira, sobre a família franciscana, opção compreensível, tendo presente o envolvimento dos franciscanos na causa da beatificação da biografada, cujos primeiros passos haviam sido dados pouco após o falecimento da religiosa. A primeira escolha, contudo, parece não ter colhido o total agrado da condessa da Ribeira Grande, que, a propósito do redator, comentou em mais uma carta: “me disseram que era tão achacado que nunca saía fora do convento e tão velho que tudo o que comia era moído no almofariz”³⁰.

Não é certo se D. Margarida se refere a Frei António de Xavier³¹, religioso franciscano nascido possivelmente na então Vila da Ribeira Grande, em data desconhecida, e falecido em 1758. Sabe-se, contudo, que, entre Frei António e Teresa da Anunciada, permeavam laços de amizade, que abraçavam igualmente os condes da Ribeira Grande. Outrossim se sabe-se que, em 1740, o religioso seráfico fora nomeado inquiridor no processo de averiguações de virtudes da bem-aventurada madre. Não surpreende, pois, que tenha recebido de D. Margarida de Lorena a encomenda da redação da biografia, como uma carta de março de 1755 revela: “eu dos religiosos não quisera mais que tirar do Padre Xavier a vida da Senhora Anunciada para se mandar imprimir mas suponho se o Senhor Santo Cristo lhe não der volta ao interior que não será em minha vida”³². O notório desagrado da encomendante em relação ao conteúdo da obra motivou-a mesmo a aconselhar a sua revisão. Em 1758, porém, faleceria o religioso sem pôr termo, ou o termo desejado, à incumbência que assumira. Uma missiva, desta feita de 21 de janeiro de 1759, dirigida à Madre Teresa de Jesus Maria é reveladora a esse respeito, bem como a respeito da pretensão de, finalmente, fazer executar o ensejado projeto. Assere, pois, a condessa:

Maria, Lisboa, 19 de outubro de 1753.

²⁹ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Teresa de Jesus Maria*, Lisboa, 27 de agosto de 1756.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Cfr. MOREIRA, Hugo - *op. cit.*, pp. 14-15.

³² ASSSCM, AMNSE - *Carta da 4.ª condessa da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Teresa de Jesus Maria*, Lisboa, 17 de março de 1755.

*só digo que se Vossa Mercê quiser mandar os papeis da Senhora Anunciada, mandarei, com todo os gosto, escrever a sua vida e se achar que esse religioso é capaz de a escrever e Vossa Mercê se fia dele que lha dê assentando que eu sempre estou pronta para tudo e sinto a morte do Padre Xavier porque sei havia de custar a Vossa Mercê.*³³

Um outro religioso franciscano deverá, portanto, ter sido escolhido para rever ou completar a obra do anterior biógrafo, mas cedo será preterido em favor de um dominicano, Frei José da Encarnação, como o atesta uma carta de fevereiro de 1760, dirigida, uma vez mais, a Soror Quitéria. “Estou aflita”, escreve a condessa, “com o livro porque o Religioso que eu tinha escolhido o teve em seu poder um ano e no cabo dele me entregou dizendo que por doente e ocupado o não fazia”³⁴. Em dezembro do mesmo ano, revela, contudo, ter encontrado outro padre capaz de dar sequência à encomenda. Deprendemos tratar-se de José Clemente, religioso oratoriano.

De seu nome completo José Clemente Ferraz, nasceu na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, em Lisboa, em 1698, vindo nesta cidade a falecer em 1798³⁵. Ingressou na Congregação do Oratório em 1736, onde se destacou como mestre de Teologia³⁶. A ele se deveu a árdua tarefa de redigir, sobre um palimpsesto textual formado cumulativa ou parcialmente pelo contributo dos precedentes autores, ou, em alternativa, *ab initio*, a obra impressa em 1763 na Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, sob o título “Vida da Veneravel Madre Theresa da Anunciada, escrita e dedicada ao Santo Christo, com a Invocação do Ecce Homo”. A esse empreitada se dedicou em exclusivo o autor ao longo de um ano, retirado numa quinta, a fim de se livrar “de toda a ocupação [...] na sua religião.”³⁷

A esta encomenda acresce, complementando-a, uma outra, menor, que lhe serviu propositadamente de extratexto: a de uma estampa gravada representando a biografada em gesto de devoção. Assim ordena D. Margarida de Lorena, ciente das virtualidades deste registo visual: “há-de mandar tirar o retrato que se há-de

³³ ASSSCM, AMNSE - *Carta da 4.ª condessa da Ribeira Grande à madre Teresa de Jesus Maria, Lisboa*, 21 de janeiro de 1759.

³⁴ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 10 de junho de 1760.

³⁵ Cfr. OSÓRIO, Zília de Castro - *Antecedentes do regalismo pombalino: o padre José Clemente*, «Estudos em homenagem a João Francisco Marques», Vol. VI. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p. 324.

³⁶ Cfr. SILVA, Innocencio Francisco da - *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1860, pp. 209-291.

³⁷ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 12 de abril de 1762.

por em cada livro [...] para que o Senhor tenha mais esse culto de ser conhecido por toda a parte”³⁸. A gravura, executada em 1763 por João Silverio Carpinetti, tornou-se um meio por excelência de divulgação da devoção, ao poder ser autonomizado e ao oferecer uma leitura direta e impressiva, permitindo, assim, a sua rápida integração numa multiplicidade de contextos e de quadros vivenciais.

A influência das comitentes reflete-se ainda no suporte material dado à edição, assumido quer pelo mosteiro, na pessoa das zeladoras da imagem do Santo Cristo, Madre Teresa de Jesus e, sucessivamente, Quitéria de Santa Rosa, quer pela 4.ª condessa da Ribeira Grande. A correspondência epistolar que nos tem servido de esteio documental mais uma vez se revela esclarecedora. D. Margarida de Lorena refere-se, a dada altura, a uma quantia que Soror Teresa “tinha mandado para o papel do livro”³⁹ e, pouco depois, a um “presente” que tinha resolvido mandar “ao padre do livro”, precisando ter a isso acrescentado quantia superior ao “Vossa Mercê [Soror Quitéria] mandou o valor de quinze mil e seiscentos e oitenta”⁴⁰. Uma vez impresso, a condessa despendeu na compra de algumas dezenas de exemplares “pouco mais ou menos cem moedas de ouro”⁴¹.

Com a conclusão da redação, a Madre Quitéria enviou ao Pe. José Clemente uma “caixa e toalhas e guardanapos e do belo pano e também, do barril e o caixote” como prenda, reconhecimento que a Condessa considerou insuficiente tendo presente o trabalho ingente do religioso”⁴². A negociação de opiniões e vontades volta a revelar-se na escolha do formato do livro. Nas palavras da condessa, “dizem-me que será melhor [que seja] em volumes pequenos porque tem mais gasto mas eu não faço nada sem Vossa Mercê me dizer qual é a vontade e da Comunidade”⁴³.

4. A obra de José Clemente e a respetiva fortuna histórica

O livro de José Clemente terá correspondido às expectativas da Condessa, que, após tê-lo lido, dirigiu estas entusiastas palavras a Soror Quitéria: “me edificou

³⁸ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 26 de outubro de 1761.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 12 de abril de 1762.

⁴¹ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 3 de janeiro de 1763.

⁴² ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 12 de abril de 1762.

⁴³ ASSSCM, AMNSE - *Carta da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 10 de junho de 1760.

[a leitura] porque é geração toda de santos e irá Vossa Mercê caminhando pelos mesmos fios para também nos fazer milagres”⁴⁴. Sobre a inspiradora biografia redigida pelo oratoriano, debruçemo-nos de seguida sumariamente.

Dedicada ao Senhor Santo Cristo e a D. Margarida Tomásia de Lorena e dividida em quatro partes, a obra, com 616 páginas, baseou-se essencialmente na autobiografia de Teresa da Anunciada, a teor do que declara o próprio autor: “sendo o principal documento de que me servi, as memórias escritas pela serva de Deus”⁴⁵. A este respeito, esclarece ainda Clemente que, no “introduzir as locuções com que Deus e sua serva se comunicavam, me acomodei a referir as palavras formais com que se acham escritas nas suas memórias.”⁴⁶ Constituíram igualmente fontes os processos, franciscano e diocesano, de beatificação da biografada. Sobre eles, refere o autor: “não obstante não deixei de cumprir esta obrigação todas as vezes que descobri notícia individual nos processos ou em outros manuscritos concernentes a estas memórias”⁴⁷. E esclarece que “estes são pela maior parte os milagres que se acham autenticados nos processos até ao ano de mil setecentos e quarenta, em que se concluíram”⁴⁸.

No que respeita aos propósitos da obra, José Clemente em tudo se alinha com as suas diretas patrocinadoras. “Enquanto viveu”, escreve, as virtudes de Teresa eram “um perfeito exemplo às religiosas, e hoje serão de admiração ao mundo.” E prossegue: “Nós, para glória de Deus e comum edificação, ajudaremos este brado, dando a ler.”⁴⁹ O seu compromisso individual na divulgação levou-o mesmo a diligenciar para que “se lhe dessem alguns livros para ele dar a confessadas suas”⁵⁰.

Era, sem dúvida, superlativa a imagem de virtudes da biografada, de quem o autor traça um retrato modelar, enaltecendo o exercício das virtudes heroicas, as práticas espirituais e devotas e o comportamento moral, e não deixando, neste rol de atestações de proximidade de Deus, de destacar o papel privilegiado junto do Santo Cristo e na cristalização da devoção ao mesmo⁵¹. Este privilégio

⁴⁴ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 26 de outubro de 1761.

⁴⁵ CLEMENTE, José - *op. cit.*, p. 32.

⁴⁶ *Ibidem.*

⁴⁷ *Ibidem.*

⁴⁸ *Ibidem.* Vd. AMNSE, Registo dos Milagres do Senhor Santo Cristo (séc. XVIII) e hipotéticos testemunhos pessoais.

⁴⁹ CLEMENTE, José - *op. cit.*, p. 43.

⁵⁰ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Francisca de Lorena, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 19 de setembro de 1762.

⁵¹ MENDES, Paula Almeida “A memória de varões e mulheres «ilustres em virtude» dos Açores e da Madeira à luz de fontes hagiográficas (séculos XVI-XVIII): exemplos de uma «santidade insular?»”, CHAVES, Duarte Nuno (coord.), *Memória e identidade insular. Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, Funchal, CHAM, 2018, pp. 163-175 (p. 170).

estava, aliás, inscrito sobrenaturalmente, como se depreende da asserção do biógrafo: “Nas mais urgentes necessidades a socorreu o Céu, conhecendo-se com evidência serem do beneplácito Divino umas fábricas, cuja manutenção corria tanto à custa da providência.”⁵²

Desde a infância assinalada pela inclinação para o bem, a vida de Teresa da Anunciada mostrar-se-ia fecunda na demonstração das virtudes evangélicas. Assim o explicita José Clemente:

*Á vista das maiores dificuldades nunca vacilou a sua constância de que Deus se dava por obrigado, que por meios extraordinários conseguia o desempenho. [...] A sua oração foi contínua, a obediência cega, a pobreza extrema, e uma verdadeira cópia da de seu glorioso Patriarca, de quem com espírito a herdara. [...] Era tão humilde que quantas maiores virtudes em si conhecia [...]. Queria parecer súbdita de todas, de nenhuma superior, achando sempre nas outras que imitar, e só em si repreender. [...] As suas penitências e mortificações, de continuas passaram a cruéis, atenuando aquele debilitado corpo, para trazer mais vigoroso o espírito. As disciplinas de sangue, os cilícios de ferro, a abstinência frequente e o sono de breves horas eram os exercícios com que mortificava seu inocente corpo. [...] a paciência foi verdadeiramente a coroa de todas as suas virtudes. Vendo-se na sua última enfermidade muitos prodígios, o mais admirável foi o seu invencível sofrimento.*⁵³

Na divulgação da biografia perfilam-se, uma vez mais, e a par do seu autor, as patrocinadoras. Entre a condessa e Soror Quitéria decorrem negociações: “Vejo que Vossa Mercê me diz acerca do que quer mandar a El-rei”, diz a primeira, não deixando de observar que “nos muitos livros que se repartem por obrigação teve já dois e neles está o retrato do Senhor e da sua Serva escusado é vir outro com os adornos que Vossa Mercê diz”⁵⁴. A suas expensas fica a reimpressão de vários exemplares “com as quae costumam presentear [...] as pessoas devotas que concorrem com esmolmas mais avultadas para o culto da imagem do sancto Christo do Ecce Homo”⁵⁵. Por seu lado, empenha-se a condessa na venda do livro, informando com amargura haver muita gente interessada em tê-lo, mas não em pagá-lo. De facto, e como desabafa, “esta terra está numa tal piranguice

⁵² CLEMENTE, José - *Op. cit.*, p. 328.

⁵³ CLEMENTE, José - *Op. cit.*, pp. 328-329.

⁵⁴ ASSSCM, AMNSE, *Crt. da Cond.ª da Ribeira Grande, D. Margarida Lorena e Távora, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 27 de janeiro de 1764.

⁵⁵ CLEMENTE, José - *op. cit.*, p. 43.

que me parece só assim [de graça] o quererão”⁵⁶. A dificuldade na venda prosseguiu nos anos seguintes. Em 1765, informa por carta:

*Cá recebi a carta do meu primo do Rio e me diz recebeu os livros e que aquela terra não é para aqueles livros e que fará diligência para os vender e remeter o produto. Já daí me parece estamos livres de se dar saída aos outros. Eu cá tenho vendido alguns, mas não são os que eu desejo porque isto tal de faltas de dinheiro que ninguém os quer.*⁵⁷

Não obstante reveses e lamentações, a biografia de Teresa da Anunciada cruzara já o Mar Oceano.

Sendo difícil de avaliar com precisão, o impacto do livro torna-se evidente atenta a sua conversão em objeto, ele mesmo, de culto – daquele culto que visava divulgar. No quadro de um certo sincretismo religioso, o “Livro do Santo Cristo” é – e é-o ainda hoje – participante do rito de “deitar o livro do Santo Cristo”, a que se recorre com o fim de obter diversas graças. A biografia não chegou a todos nem a todos interpelou de forma idêntica. Perante uma população maioritariamente iliterata, os comentários orais à obra e a mensagem veiculada pela estampa terão constituído os principais veículos informativos e alimentos devocionais. Um exemplo de sucesso do impulso devocional dado pelo livro é testemunhado por certa Ana Francisca de Castelo Branco que, dirigindo-se em 1788 a Soror Quitéria, relata:

*Sucedeu Com Sua uenerauel Tia de vosa Senhoria a Jllustrissima Senhora Soror Thereza da anunciada que teue huma Sua Sobrinha tres annos com huma emfermidade, e acabadoz elles Recuperou Saude, a qual infermidade tinha a dita Senhora pedido a Noso Senhor, em Saztisfasam de Seus pecados que açim dis o liuro eu Conculada Com este Caso porque tambem a mim me succedeu o mesmo.*⁵⁸

Até ao ano de 1905, a biografia conheceu onze edições⁵⁹ e, até ao presente, mais de duas dezenas.

5. A concluir

A “Vida da Veneravel Madre Theresa da Anunciada, escrita e dedicada ao Santo Christo, com a Invocação do Ecce Homo”, primeira biografia da monja micalense, não só consagrou e difundiu a fama de santidade desta, quanto – e principalmente – cristalizou a devoção ao Santo Cristo. Selou, ademais, perante todos a “reciprocidade identitária” entre a religiosa e a imagem do Santo Cristo, além de, ao longo do tempo, se ter transmutado em objeto complementar de culto, sendo-lhe inclusive atribuídas, ao menos na tradição popular, virtualidades taumatúrgicas. A essa fortuna história andam associados dois registos, que agiram em paralelo, mas seguramente de formas distintas: o escrito, representado pelo texto redigido por José Clemente, e o iconográfico, patente na estampa gravada por João Silvério Carpinetti.

O resultado da obra, no seu todo, e o seu impacto serão sempre, conclui-se, tributários de circunstâncias de encomenda que remetem invariavelmente para os bastidores do processo da sua edição. Protagonizadas pela 4.^a condessa da Ribeira Grande e por duas das zeladoras da imagem do Santo Cristo, revelam a articulação entre estratégias da nobreza e estratégias monásticas. Feitas de confluências e trocas de interesses, conhecem expressões próprias nem sempre consonantes, como a escolha do biógrafo o parece atestar. Esta, refletindo primariamente uma alocação monacal, recai sobre a Ordem franciscana e sobre alguém ligado ao processo de inquirição de virtudes da biografada, mas o seu centro deslocar-se-á progressivamente para a corte de Lisboa, onde o protagonismo cabe a D. Margarida Tomásia de Lorena e ao contexto que ela representa. Sobre o oratoriano José Clemente, teólogo de consabido mérito, envolvido em debates candentes à época, como o foi a doutrina regalista, incidiu a preferência da condessa. O que não obstou a que a devoção, conquanto bastamente difundida, mantivesse um cunho local, de que ainda hoje se alimenta.

Desta primeira visita ao poscénio da publicação da biografia da “freira do Santo Cristo” certas dúvidas persistem, entre as quais a real participação de cada um dos autores na redação da obra. O que terá cabido ao Padre Xavier, por exemplo? A ter-se verificado um contributo substantivo de sua parte, terá este sido aproveitado por José Clemente? Até que ponto? E, em relação ao oratoriano: por que razão foi escolhido? O que acresce a biografia de Teresa da Anunciada ao percurso de Clemente? E que peso terá tido o seu pensamento teológico na redação da “Vida” de Teresa? Se nos parece demonstrada – o que tomámos como objetivo – a pertinência de considerar a biografia – e a devoção que ela ajudou a moldar e a saldar – como resultado de um processo dinâmico

⁵⁶ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.^a da Ribeira Grande, D. Margarida Lorena e Távora, à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, Lisboa, 18 de maio de 1763.

⁵⁷ ASSSCM, AMNSE - *Crt. da Cond.^a da Ribeira Grande, D. Margarida Lorena e Távora, à madre Quitéria Francisca, Lisboa*, 13 de janeiro de 1765.

⁵⁸ ASSSCM, AMNSE - *Carta de Ana Francisca de Castelo Branco à madre Quitéria Francisca de Santa Rosa*, 25 de julho de 1788.

⁵⁹ *Cfr.* ANDRADE, Manuel Joaquim (coord.) - *Thereza da Anunciada*, «Almanaque Açores». Angra do Heroísmo: Livraria Editora Andrade, 1934, Ano 27, p. 95

de construção, não há dúvida de que as questões remanescentes apelam à continuidade do inquérito ora encetado.

Fontes

Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres (ASSSSCM)

ASSSSCM, Ponta Delgada/S. Miguel, *Vida da Serva de Deus Teresa da Anunciada, religiosa professa em o convento da Esperança da cidade de Ponta Delgada, da Ilha de São Miguel, cuja vida mandou escrever o seu confessor, tirada fielmente de uns papéis que a dita Serva de Deus tinha escrito, por mandado de Deus e de seus confessores, como ao diante se verá* [conjunto de manuscritos autobiográficos]

Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres (ASSSSCM):

Fundo do Arquivo do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança (AMNSE) ASSSSCM, AMNSE, *Livro Quinto dos Óbitos* (1703-1923)

ASSSSCM, AMNSE, Conjunto de cartas trocadas entre a 4.^a condessa da Ribeira Grande e as zeladoras da imagem do Santo Cristo; datas compreendidas entre 1740 e 1765

ASSSSCM, AMNSE, *Carta da Abadessa do Mosteiro da Esperança ao Custódio Provincial*, Fr. Pedro de S. Francisco, para nomear inquiridor Fr. António Xavier, 30 de julho de 1740

ASSSSCM, AMNSE, *Carta de frei António Xavier a madre Teresa da Anunciada* [s.d.]

ASSSSCM, AMNSE, *Registo dos Milagres do Senhor Santo Cristo (séc. XVIII) e hipotéticos testemunhos pessoais*

Fontes impressas

CLEMENTE, José (C.O.) - *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada, escrita e dedicada ao Santo Christo, com a Invocação do Ecce Homo*. Lisboa: Tipografia Carvalhense, 1763

Artigo recebido em 17/10/2022

Artigo aceite para publicação em 07/12/2022

O JESUÍTA MANUEL DA COSTA A CONTAS COM A INQUISIÇÃO (1654-1655)

JOSÉ BARRETO

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi29a7>

jose.barreto@ics.ulisboa.pt

RESUMO: Com base num processo da Inquisição de Lisboa até hoje desconhecido da historiografia, são revelados novos elementos sobre o Pe. Manuel da Costa, o jesuíta a quem modernamente é atribuída a autoria da obra seiscentista *Arte de Furtar*. Na sequência de um auto da fé de 1654 em que foi executado um rico mercador cristão-novo, o Pe. Manuel da Costa entrou em conflito com a Inquisição por ter passado certidões a abonar a fé cristã do falecido. O inquérito consequentemente instaurado pelos inquisidores fornece novas pistas para a compreensão do valimento de Manuel da Costa junto da corte de D. João IV e permite questionar o posicionamento do jesuíta sobre a Inquisição e o confisco dos bens dos hereges em confronto com o elogio ao Santo Ofício contido na *Arte de Furtar*.

PALAVRAS-CHAVE: Pe. Manuel da Costa, *Arte de Furtar*, Inquisição portuguesa, João Nunes da Cunha, Companhia de Jesus, Pe. António Vieira.

ABSTRACT: Based on a process of the Inquisition of Lisbon until now unknown to historiography, new elements are revealed about Fr. Manuel da Costa, the Jesuit to whom the authorship of the 17th-century work *Arte de Furtar* is attributed. Following an «auto da fé» in 1654 in which a wealthy New Christian merchant, Fr. Manuel da Costa came into conflict with the Inquisition for issuing certificates attesting to the deceased's Christian faith. The inquiry subsequently instituted by the inquisitors provides new clues for understanding Manuel da Costa's worth in the court of D. João IV and makes it possible to question the Jesuit's position on the Inquisition and the confiscation of property from heretics in comparison with the praise of the Saint Office contained in the *Arte de Furtar*.

KEYWORDS: Pe. Manuel da Costa, *Arte de Furtar*, Inquisição portuguesa, João Nunes da Cunha, Companhia de Jesus, Pe. António Vieira.